

Introdução

O presente artigo faz alusão sobre o Desenho infantil como instrumento de investigação psicopedagógico na compreensão do inconsciente de crianças, em razão de defender a tese indaga-se de que maneira satisfatória o desenho infantil é capaz de auxiliar como instrumento psicopedagógico no tratamento para minimizar as dificuldades de aprendizagem em crianças?

O desenho infantil dentro das técnicas projetivas é um instrumento de investigação capaz de auxiliar nas sessões psicopedagógica de forma a contribuir nos possíveis resultados de observação, hipótese e podendo descrever as propensões inconscientes para traumas, aflições, violências físicas e psicológicas, aspirações, mecanismo de adaptação e inúmeros outros atos que presumivelmente moldam a formação da personalidade da criança.

Ao observar as singularidades da mente humana permite-se conhecer o psiquismos, que por vez exterioriza emoções, pensamentos, pois dentro do cérebro há lugares específicos para cada ação e reação e essas funções são encontradas no inconsciente que utiliza-se de meios para transmitir mensagens constantemente fazendo-se por intermédio de expressões durante a infância, adolescência e na maturidade, especialmente na infância quando a criança não tem uma linguagem ampla, é nesse momento ao desenhar que ela faz o papel de interprete do seu próprio psiquismo dando significado aos seus rabiscos.

O vigente escrito tem como objetivo geral explanar as informações transmitidas do inconsciente de uma criança através do desenho infantil e como objetivos específicos a análise da história do desenho na tentativa de compreender o comportamento humano. Relacionar sinteticamente as peculiaridades da mente humana dentro do contexto do inconsciente e por fim desenvolver uma proposta satisfatória, quando aplicado como intervenção e possível investigação nas sessões psicopedagógicas, tendo como amostra livros e artigos tendo e o tipo de pesquisa bibliográfica e qualitativa.

1. Sucinta história do desenho no desenvolvimento do humano.

Por meio da história da humanidade, verificam-se contribuições deixadas no correr do tempo, as expressões estéticas e significativas propiciaram o estudo sobre o Homem como grupo social, cultural e sua autoimagem, o supedâneo preliminar da elaboração artística, a exposição de mitos, adquiria-se caráter comunicativo e conceitual.

As marcas do passado são reveladas a uma sociedade diferente culturalmente, cientificamente e que ainda não consegue decifrar os signos encontrados nas escavações, nas pinturas em cavernas, vasilhames de cerâmicas, entretanto instiga o imaginário do homem provocando sua mente a deduzir fatos e fatores.

Na retratação da trajetória, seja ela, desde a Pré-história até hoje, encontra-se uma arte denominada Desenho, “[Dev. de desenhar.] sm. 1. Representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos ou manchas.” (AURÉLIO, DICIONÁRIO MINI. 2010, p. 238) na qual idealiza-se sensações, ações e proporciona encontramos fatos que são descritos de acordo com seu tempo e contexto. O desenho sempre foi uma expressão de linguagem que o ser humano elabora desde sua infância, explicita TRINCHÃO E OLIVEIRA.

(...), aceita-se o Desenho como uma linguagem de comunicação. (...). Assim o ato de desenhar é aqui compreendido como a arte de liberar e compartilhar emoções para/e com o mundo. (...). Percebe-se com isso que o Desenho, enquanto entidade histórica, e a própria história é interpretação, também, se coloca como um texto a ser apreendido, decodificado. Não só por estar relacionado com preexistências, como também por condensar toda uma série de imagens, com seus resultados e significados multifacetados. (TRINCHÃO, OLIVEIRA, 1998, p. 2).

Portanto o homem é o ocasionador, a causa e o executor de sua narração, onde outros a interpretam de ângulos variados, ou seja, “(...) todo e qualquer Desenho é transmissão de cultura, visto que não existe o desenho sem uma relação dialética com o sujeito.” (TRINCHÃO, OLIVEIRA, 1998, p. 7), nada mais é que a própria representação do desejo, de fatos do cotidiano e do inconsciente humano.

De acordo com o progresso as diversidades aumentaram instigando o surgindo de técnicas, instrumentos, mecanismos capazes de auxiliar na concepção da Arte como forma de expressão, com tal característica SERRA, reitera:

No século XV, Leonardo da Vinci, grande pintor, escultor, arquiteto, engenheiro, cientista e músico do Renascimento italiano, desenvolveu estudos relativos à teoria do desenho que usava como instrumento para compreender a realidade e representou inúmeros de seus inventos graficamente. (SERRA, 2008, p. 4).

O traçado passa de ordinário para singular, torna-se exato, preciso e atuante não apenas no âmbito na atual sociedade uma gama da Arte, mas também nas Ciências Exatas, evoluindo simultaneamente com a história do Homem. Encontra-se modalidades de desenhos como: o Desenho Geométrico “(...) é um desenho de precisão que se insere nos estudos de geometria.” (LEVY; RAMOS, 2012, p. 9), outro, é o Técnico “(...) é considerado como a linguagem gráfica universal da Engenharia e Arquitetura.” (FERREIRA; FALEIRO; SOUZA, 2008, p. 2.), e Ilustração “(...) uma imagem, desenho ou gravura que acompanha um texto de livro, (...) e tem por objetivo adorná-lo, elucidá-lo ou facilitar a sua compreensão”. (BRASIL apud HOUAISS, 2010, p. 7.).

Nesse leque de opções pode-se encontrar os esboços infantis, mais conhecidos como garatujas, “(...) caracterizadas por movimentos longitudinais, movimentos repetitivos que confirmam a ação e geram satisfação (...)” (MELLO, 2013, p. 26.), ou seja, uma expressão de um mundo, que a criança vive e vivencia, isto é, “(...) o desenho é um precioso indicador do funcionamento psíquico da criança, de suas angústias, capacidades de resiliência ou desistência.” (COGNET, 2014, p. 15.), com a técnica correta pode-se trabalhar com o desenho em formato de teste com o objetivo de conhecer o inconsciente do indivíduo em algum período de sua vida.

O desenho adentra-se no imaginário, transportando sonhos para papeis, paredes, telas, edificando um mundo particular e singular, contudo, ainda no desfecho o resultado final uma de suas funções é transformar os sonhos em sensações que transmite ao seu executor e seu expectador alegria, tristeza; toda via nas palavras de COGNET, ele afirma que:

É graças às primeiras realizações, no real, que o imaginário pode desenvolver-se. É porque existe um outro, próximo, benévolo, amoroso, que recolhe e reinterpreta as produções – sejam elas verbais, por motivos ou por traços deixados - que a máquina de pensar o quimérico, o inexistente e o fabuloso pode exercer-se. Não há a construção de um depois a do outro, mas sim o desenvolvimento conjunto da fantasia imaginária e do real da produção. (COGNET, 2014, p. 15).

Dar-se ao desenho um poder inimaginável quando a criança introduzir-se conscientemente e/ou inconscientemente em sua produção. É nesse instante que o abstrato torna-se real e o concreto converte-se em intangível possibilitando, facilitando a exposição de seus momentos agradáveis e antipáticos dentro de um mundo feito por rabiscos, no entanto o adulto tende a ver os desenhos das crianças como uma arte, com o valor afetivo, deixando de lado a magnitude dos possíveis significados dos símbolos expostos. Consequentemente MELLO deslinda que:

É uma etapa muito importante porque marca os primeiros movimentos gráficos da criança pequena e que desenvolve tanto a fala que precede a grafia, como também revela características pessoais de cada criança, bem como todo um universo de sentimentos, pensamentos e temores, evidenciando a afetividade construída nas relações humanas (...). (MELLO, 2013, p. 27).

É comum nos primeiros movimentos gráficos a “desorganização”, traços desconectados, serrilhados, alcançando à formação de círculos até a ascensão de esquemas mais técnicos, porém cada exemplo citado é propriedade de um período, ou seja, o desenvolvimento da criança segue em construção faça-se mais ou menos rápida e o desenho pode estar mais presente em algumas dessas etapas.

Quando os estudiosos falam sobre o desenvolvimento humano quase sempre os primeiros “acordes” dessas teorias é a fase da infância; alguns descrevem que o desenvolvimento é bem antes do nascimento, na gestação. Baseando-se nestes estudos, evoca-se alguns personagens como Henri Paul Hyacinthe Wallon, Jean William Fritz Piaget, Sigmund Freud e etc.

Eles com suas observações, hipóteses, técnicas, dedicaram-se metodicamente por anos as suas pesquisas que hoje nos trás contribuições

sólidas, coesivas, congruentes em prol do Desenvolvimento Humano. Wallon instituiu os ciclos em estágios, Piaget e Freud similarmente os construíam com algumas distinções. TAVARES *apud* ALFANDÉRY transcreve os estágios de Wallon:

(...) a infância é segmentada em quatro estágios: 1 – Impulsivo (0 a 3 meses) / Emocional (3 meses a 1 ano, estágio 2 – Sensório-motor (12 a 18 meses) / Projetivo (3 anos), estágio 3 – Personalismo (3 a 6 anos) / Crise de Oposição (3 a 4 anos) / Idade a graça (4 a 5 anos) / Imitação (5 a 6 anos), estágio 4 – Categorical (6 a 11 anos.). TAVARES (2016) *apud* ALFANDÉRY (2010, p. 28).

Para uma análise mais aprofundada é necessário os esquemas das fases dos Teóricos no intuito de comparar se existem algumas semelhanças entre as divisões. Nas fases descritas por Piaget encontra-se segundo CAVICCHIA os seguintes termos:

(...) estágio da inteligência sensório-motora (até, aproximadamente, os 2 anos); estágio da inteligência simbólica ou pré-operatória (2 a 7-8 anos); estágio da inteligência operatória concreta (7-8 a 11-12 anos); e estágio da inteligência formal (a partir, aproximadamente, dos 12 anos). (CAVICCHIA, 2010, p. 3.).

Fasear-se-á uma analogia entre Freud, Wallon, Piaget, pode ser imensamente arriscado, pois os especialistas estavam inseridos em contextos e tempo históricos distintos, mas existia entre eles uma conexão, o desejo de lucidar as etapas cognitivas, afetivas do homem (Desenvolvimento Humano). Freud, também optou por estudar a infância como Wallon e Piaget, no entanto sua notória contribuição foi voltada a algo envolto por tabus, a sexualidade, como exalta: FARIAS; NANTES; AGUIAR.

(...) estágio oral que acontece do 0 aos 18 meses (...).
 (...) Estágio Anal ocorre dos 18 meses aos 3 anos de vida, (...).
 (...) Estágio Fálico acontece dos 3 aos 6 anos, (...)
 (...) Estágio Fálico acontece dos 3 aos 6 anos, (...) geralmente dos seis aos nove anos da criança, (...)
 O ultimo período das fases (...) é o Estágio Genital. (FARIAS; NANTES; AGUIAR, 2015, p. 7, 8, 9, 12).

Na centelha da curiosidade pela compreensão do desenvolvimento humano o homem talvez não consiga chegar a um denominador comum da real origem das ações, reações, transmissões, recepções de cada ser, no entanto é

legítimo que ele próprio se deleite em suas construções abstratas e concretas ou não. Sabe-se não muito ainda, de como realmente quais as coisas que tem verdadeiramente importância para a humanidade, todavia, hoje essa humanidade tenta responder suas indagações (problemas sociais, questões de existência, etc.).

Uma dessas grandes interrogações pode-se com os estudos serem palpáveis com a transposição de sentimentos, dores, “abalos” psíquicos e através do desenho, seja ele apenas feito com giz de cera ou a óleo, é com esse pensamento que o presente artigo instiga ao leitor a compreender como o Desenho faz parte e é parte da História do homem independente de sua fase (infância, adolescência, etc.), posição social, de sua orientação sexual, religiosa e cor.

A vida do Homem não consiste apenas nas suas falas, ações, mas é um conjunto de conhecimentos adquiridos, nesse trajeto denominado existência, ele necessita de autonomia e curiosidade para projetar seu futuro, sendo que tudo é levado às marcas concebidas em algum momento de sua história. O Desenho.

2. Relacionar sinteticamente as peculiaridades da mente humana dentro do contexto do inconsciente.

No Mundo do Ser Humano, há uma imensidão de convicções, ideologias, perspectivas, pressupostos, emoções, aprazimentos que presume-se mudar de acordo com cada indivíduo, uma vez que a experiência de viver é única e inigualável, mesmo que esteja aparentemente interligada com outras vivências.

Quando o indivíduo representa e/ou descreve suas experiências arrisca-se a transmitir sua história para outro ser pensante que verá sua narrativa por um ângulo diferente e possivelmente sentirá de alguma forma uma empatia, pois no momento do relato existirão fatos equivalentes, concretos e vivenciados por aquele que recebeu o relato, mas com singularidades de espaço e tempo. (Não fazer-se referência a fases da vida.).

Vai-se adentrar um pouco no estudo da Biologia, “[Bi(o)- + -logia.] *sf.* O estudo dos seres vivos: estruturas, funcionamento, evolução, distribuição e inter-relações.” (AURÉLIO, DICIONÁRIO MINI. 2010, p. 105) com o intuito de

conhecimento específico, pois vale recapitular algumas informações de como funciona o sistema orgânico dos seres vivos, ou seja, tudo que compõe os seres pertencem a um conjunto de sistemas, assim cada ser, seja humano ou um vegetal tem vida que gera vida. GEWANDSZNAJDER consolida que:

“(...) os seres vivos são formados por pequenas unidades que são, elas próprias, vivas. É o trabalho conjunto dessas unidades vivas que permitem todas as atividade complexas que os seres vivos realizam” .

“Animais e plantas são formados por muitas células, (...), células que revestem o corpo constituem um tecido chamado **epiderme**, (...) tecidos podem agrupar-se e formam um **órgão**. (...) que (...) de forma harmonizada constitui um **sistema**. (...) Todos os sistemas, reunidos e trabalhando de modo coordenado, formam um organismo.”. (GEWANDSZNAJDER, 2015, p.10, 11,13, 14).

Entende-se que é na pequenez que o grande “milagre” acontece, a vida eclode, no entanto não basta um amontoado de órgãos (corpo) sem uma “maquina” que gerencie o conjunto. O cérebro, mais precisamente, o humano é a central de controle de toda e qualquer ação, sem ele muitas operações não são realizadas ou até mesmo bem antes disso, serem pensadas. Explica GONÇALVES.

“O cérebro é a maior e mais evidente estrutura do encéfalo, constituindo cerca de 80% da massa total deste [1].

O cérebro está dividido em duas metades, os hemisférios cerebrais esquerdo e direito, interligados entre si pelo corpo caloso (...). Cada hemisfério possui uma fina camada externa de substância cinzenta – o córtex cerebral (...), que contém os corpos celulares dos neurónios [1]. Situada debaixo do córtex cerebral está uma abundante camada de substância branca, (...). Os hemisférios cerebrais estão divididos em quatro lobos cerebrais: lobo frontal, temporal, parietal e occipital, cada um com funções específicas a desempenhar [1].”. (GONÇALVES, 2009, p. 3).

O maior instrumento do homem é sem duvida o cérebro, com ele pode-se construir grandiosas ideias, sonhos e aparatos capazes de assessorar nas atividades do cotidiano. No cérebro, há áreas diferentes e para aplicabilidades singulares, cada “esfera” é norteadas a uma “produção” e coordenadas distintas, dando-se vinte quatro horas por dia até o último instante da vida corpórea.

Quanto mais medra-se a criatura mais enrique-se de percepção, sapiência, cognição e a produção de dados como à memória.

Tudo vai para o cérebro, tudo vem do cérebro são trocas de informações constantes, todavia em alguns casos essas transações de dados sofrem algum tipo de interrupção (traumas). O indivíduo está propício a sofrer traumas estando ainda no ventre, assim que nasce, nos primeiros meses de vida, na instabilidade dos hormônios, na desestabilidade emocional, por agressões físicas; são inúmeras as possibilidades de adquirir-se “avarias” no sistema cerebral, por isso grandes pesquisadores passaram à vida dedicando-se a estudar, compreender o cérebro, como funciona, quais recursos utiliza, a diferença entre sexos e outras questões que ainda não foram solucionadas.

Sigmund Freud, notável psicanalista contribuiu excepcionalmente com seus estudos e teorias sobre o psiquismo exteriorizando-as em livros que discorrem sobre assuntos como o consciente, inconsciente do ser humano dando a sociedade atual aparatos para a compreensão sobre as teias da mente humana.

O inconsciente nada mais é, que um estado de não controle, um momento que desvela-se algo que possivelmente tivemos-lo contato no passado, exemplo, trocar nomes de pessoas. Na verdade é um emaranhado de informações que de vez em quando são expostos, podendo ocasionar alguns incômodos. Entre o consciente e o inconsciente Freud, faz interlocução com os sonhos, uma representação dos desejos, obstáculos que o indivíduo adquire no correr da existência, um escape onde o reprimido e repressor podem torna-se “tangível” por um instante no estado de repouso.

“Os estímulos sensoriais que nos chegam durante o sono podem muito bem se transformar em fonte de sonhos. (...) o sonho reinterpretar pequenos estímulos que ocorrem durante o sono e exagerá-los (...), afinal, é um fenômeno que ocorre a pessoas saudáveis – talvez para todas, talvez todas as noites -, e o adoecimento orgânico não conta evidentemente entre suas condições imprescindíveis.” (FREUD, 2014, p. 16, 38, 51).

Compreender os discursos de Freud não é tão fácil; deve-se interpretá-los, compila-los, pois nos leva a refletir como a mente do Homem é complexa, o Labirinto de Creta (mitologia grega), toda via, cada palavra está imersa, inserida em contextos diferentes. Observa-se que tudo esta interligado, uma conexão que

transmite e recebe informações, algumas conseguem ser expostas, outras não, ficando no inconsciente.

Em suas obras o psicanalista declama na generalidade conceitos e exemplos do que entende-se por Inconsciente, porém à verdadeira compreensão do que seja o inconsciente e suas funções ainda está inacabada e deve-se aprofundar-se em estudos árduos e metódicos até uma possível conclusão precisa.

“É este esquema aparentemente simples fundamenta todas as primeiras ideias teóricas (...) funcionalmente, uma força reprimida esforçando-se em abrir caminho até a atividade, mas mantida sob controle por uma força repressora, e, estruturalmente, um ‘inconsciente’ a que se opõe um ‘ego’. Parece possível detectar dois empregos principais: um em que o termo distingue o eu (self) de uma pessoa como um todo (incluindo, talvez, o seu corpo) das outras pessoas, e outro em que denota uma parte específica da mente, caracterizada por atributos e funções especiais. (...) e é neste mesmo sentido que é empregado na anatomia da mente (...)”. (FREUD, 2016, p. 17, 19)

Freud equiparava a mente humana como um iceberg, na parte externa encontra-se o consciente (tudo aquilo que estamos cientes, que temos consciência, que há ao nosso redor, o real), a ligação do interno com o externo, o sistema orgânico, a matéria, tudo que é palpável, que arremete ao poder ver e ter ao redor de cada sujeito, dar-se o nome de Consciente.

A segunda parte do iceberg é o lugar onde as memórias de mais fácil acesso estão; fazendo uma analogia é o encontro do gelo que esta na superfície com a água, é um selecionador de registros, que faz parte de algo maior, Freud o denominou de Pré-consciente.

Terceira parte é a maior, esta submersa, e é a mais relevante para que a função cerebral funcione. Encontram-se os “instrumentos” das ações instintivas, a ele incube a personalidade, é atemporal e todos os registros de lembranças encontram-se nele, e, que não são acessíveis em sua grande maioria. Denomina-se Inconsciente.

As memórias que estão no inconsciente eventualmente podem ser percebidas, acessadas por Testes ou Técnicas Projetivas, o desenho é um exemplo utilizado pelos profissionais da psicologia, é empregado como

ferramenta de auxílio nas sessões dos psicopedagogos como parte do conjunto da arteterapia, particularmente em crianças que tem dificuldades em exteriorizar coerentemente suas emoções, pensamentos e fatos sucedidos no dia-a-dia.

Com o ato de desenhar a criança ou o assistido consegue expurgar relatos da melhor maneira possível de acordo com suas limitações, utilizando-se de formas geométricas, cores diversas, tamanhos diferentes mesmo que seja apenas um momento de descontração, porém o Desenho é dinâmico, rico, que vai além da expressão, do expressivo, do imprimir e do impressionar. Considera CAMPOS que:

“O primeiro trabalho, digno de menção, sobre o desenho como fenômeno expressivo, foi realizado por Ricci, em Bolonha, em 1887. Estudou os vários estágios da evolução do desenho da figura humana, realizado por crianças, (...).

Entre os primeiros interessados na expressão da atividade psicológica infantil, através do desenho, podem-se mencionar ainda os nomes de Kerschensteiner, grande pedagogo de Munich (1905). E, assim, foram-se multiplicando os estudos do desenho como forma de projeção psicológica, surgindo técnicas perfeitamente válidas para serem empregadas como instrumentos de diagnósticos psicológicos.” (CAMPOS, 2014, p.13, 14).

A óptica das técnicas projetivas, Desenho, é alcançar a entrada e saída do que há na mente de maneira imperceptível para o aprendente, pois as informações presumivelmente podem torna-se uma representação de sentimentos nauseantes ou afáveis no indivíduo, ou seja, “como técnica projetiva, em virtude de sua economia do tempo, (...) tem-se tornado o mais frequente suplemente do Rorschach e do TAT.”. (CAMPOS, 2014, p.16), é nesse contexto que convém conhecer um pouco da biografia do Teste do Desenho. Evidência CAMPOS.

“Baseando-se na hipótese de que a representação gráfica, como qualquer traço expressivo da personalidade, tende a integra-se na direção de um gradual processo de maturação psíquica. (...), Florence Goodenough, em, 1925, organizou o Teste do Boneco. (...) M. Prudhommeau, (...) em 1933, elaborou sua Folha (...) serve para a identificação do nível mental (...). E, assim, usando o Teste de Goodenough, vários psicólogos clínicos e psiquiatras começaram a verificar que o desenho oferecia indicações seguras

para diagnósticos e mesmo prognósticos de traços de personalidades.” (CAMPOS, 2014, p.15, 17).

Entende-se que o desenho é um instrumento projetivo auxiliar de possíveis prognósticos nos problemas de aprendizagem (no âmbito psicopedagógico) que possibilita aos psicopedagogos estratégias, que dentro de uma conotação terapêutica torna-se capaz de oferecer recursos reais para o atendente, possibilitando um acompanhamento metódico e qualitativo.

Ao aplicar o desenho como estratégia deve-se ter um objetivo para alcançar uma finalidade, quando a criança tenha um pressuposto déficit alguns profissionais usam-no no intuito de simplificar as conversações, pois, (...) “o Desenho serve como um instrumento clínico útil para o “*staff*” (...)”. (CAMPOS, 2014, p. 28) conseqüentemente o psicopedagogo instruído e munido de conhecimento sobre as técnicas projetivas sente-se hábil a manuseá-lo como, por exemplo, desenho livre ou desenho guia (referência ao desenho direcionado – a pedido do psicopedagogo) de maneira a acrescentar os possíveis diagnósticos.

Tratando-se da aprendizagem enfoca-se a inteligência como um aparelho de ajustamento a uma nova circunstancia e quando o indivíduo atinge o auge da situação, inicia-se mais um momento com novos obstáculos.

“O sujeito e o objeto não são dados como instâncias originariamente separadas. Pelo contrário, eles se discriminam justamente em virtude da aprendizagem e do exercício. (...) Tal situação se transforma no “problema”; e a aprendizagem consiste na estratégia pela qual se opta para sua resolução.” (PAÍN, 2008, p. 21, 22).

Quando um aprendente não consegue passar por esse “mecanismo”, de apreensão de informações ele passa a sofrer e por conseqüências é identificado com traumas, déficit, transtornos, no entanto com a técnica do desenho as crianças podem emancipar-se de suas dificuldades.

Um exemplo da projetividade que o desenho oferta é quando o psicopedagogo dá instruções específicas (- Desenhe você!) ao ponto que o aprendente deve deter-se. A indicação para fazer causa certo alívio em alguns, visto que, limites e instrução são passadas e ele não terá com que preocupar-se há não ser seguir as indicações, mas em outras situações a indicação também pode adquirir termos vagos como o pedido de desenhar uma pessoa, enquanto

um enrijece outro abranginge causando às vezes certa estranheza, pois surge novas possibilidade de criação na retratação de uma pessoa.

É nesse momento que a percepção, cautela, observação e conhecimento do psicopedagogo devem está ativo e pronto para analisar as relevâncias de cada figura; e tendo como foco e consciência que o imaginário e o real estão na mesma frequência, quando realmente o aprendente tem um diagnostico de déficit, transtorno, dificuldade na aprendizagem e, ou bloqueios decorrente de abusos, maus-tratos sejam físicos, psicológicos ou ambos é necessário mais atenção com esse aprendente, mesmo quando em uma das sessões seja utilizado um recurso divertido como o desenho.

3. A aplicabilidade do Desenho infantil como auxílio nas sessões psicopedagógicas para os possíveis tratamentos das dificuldades de aprendizagem em crianças.

Para captar a relevância do desenho nas sessões psicopedagógicas vai-se frisar antes de tudo o que é Psicopedagogia, em razão de que, o instrumento (Desenho infantil) será utilizado como um dos auxílios existentes de observação nos encontros. Seguindo as informações de SILVA, encontra-se:

“(...) a psicopedagogia é um campo do conhecimento que, (...) tendo como *objetivo* de estudo o processo de aprendizagem visto como estrutural, construtivo e interacional, integrando nele os aspectos cognitivos, afetivos e sociais do ser humano. (SILVA, 2010, p. 28).

Com os mecanismos da psicopedagogia podem-se adquirir ferramentas em diversas áreas, nas quais ela seja capaz de somar conhecimentos para ter mais recursos nas sessões, pois o seu intuito é amparar o aprendente que “(...) é o homem como ser em processo de construção do conhecimento, ou seja, o ser cognoscente”. (SILVA, 2010, p.31).

Para CASTANHO E SILVA, a psicopedagogia desprende-se de muitos estigmas, no qual seu objetivo é proporcionar e mostrar novas possibilidades de compreender o próximo, compreender-se e aprender, em que “(...) aprender é como uma destas tantas tarefas que só se realizam em um exercício de aprofundamento individual, isto é, ninguém é capaz de fazê-las por nós.”

(CASTANHO; SILVA, 2015, p. 17), utilizando-se dessas instruções o indivíduo tem como buscar orientações de como proceder, processar, e tentar diminuir os obstáculos de afetividade, aprendizagem entre tantos bloqueios.

Inúmeros são os obstáculos que cada criança passa até chegar a uma possível solução, as técnicas projetivas dão suporte aos psicopedagogos nesta caminhada e com esse olhar de observação, reflexão o aprendente será melhor assistido, em razão de ter um acompanhamento mais sensível, calculado e consistente, isto é, a “Psicopedagogia está diretamente articulada com as diferentes dificuldades de aprendizagem dos sujeitos”, (BASTOS, 2015, p.23) e com o Desenho infantil, o psicopedagogo consegue ter um norte em quais áreas o aprendente tem embaraço. BASTOS ainda declara que:

“Essas dificuldades precisam ser investigadas em seus diversos contextos, como família, o sociocultural e o educacional. É necessário também pesquisar os aspectos afetivos, cognitivos, pedagógicos e motores, capazes de interferir na problemática apresentada pela família, pela escola e pelo próprio sujeito”. (BASTOS. 2015, p. 23).

É nas pesquisas e observações que as técnicas projetivas devem ser trabalhadas nos três domínios: o âmbito familiar, escola e o Eu. Para cada domínio, uma sessão, envolta de materiais adequados para a faixa etária de cada criança, por vez solicita-se desenhos direcionados, no intuito de encontrar algum vestígio de traumas, transtornos, déficits e dificuldades de aprendizagem, pois em cada momento a investigação se faz tão necessária quanto um diagnóstico fornecido por um profissional capacitado.

Cada reunião (desenho) deve ser capaz de mostrar componentes importantíssimos como: a criança ver-se no meio familiar, suas atitudes, como os familiares são (na visão da criança) e por que de determinada expressão ela utiliza-se para cada integrante e a mesma sequência de aplicação dar-se para os outros domínios até o psicopedagogo ter material suficiente de estudo.

Nas análises dos desenhos tudo e todos devem ser observados, cada indicador trás consigo características e significados que devem ser relatados por estímulos durante a produção (fala, gestos) e no próprio desenho, cabe ao psicopedagogo manter-se atento e armazenar o máximo de informações.

Durante as observações apuradas é válido verificar as reações (se a criança relaxou ou ficou tensa, rejeição e omissão, objetividade ou dispersão) no ato de desenhar para obter e chegar a um denominador comum, ou seja, encontra de fato a possível causa do obstáculo que está imbuído no inconsciente da criança.

Sequencialmente o psicopedagogo deve fazer um direcionamento para o profissional que considera ser o melhor recurso, tanto nas opções de complemento de atendimento como também na ética profissional, por exemplo, o Teste do desenho (sua aplicação é feita por profissionais da área da Psicologia), e o saber até que ponto “sou capacitado” para determinada função.

Ao passo que cada aprendente trás consigo um “bloqueio”, sejam o diagnóstico errôneo, muitas vezes de familiares, suposições de seus professores, ou simplesmente um fato real a dificuldade de socialização, de aprendizagem causa inconvenientes para quem a tem. PAÍN defende que as provas projetivas estão seguras e aptas a somar nos possíveis diagnósticos.

“As provas projetivas, (...) tratam de descrever quais são as partes do sujeito depositadas nos objetos que aparecem como suportes da identificação e que mecanismos atuam diante de uma instrução que obriga o sujeito a representar-se situações estereotipadas e carregada emotivamente. (...) O exame das provas projetivas permitirá, em geral, avaliar a capacidade do pensamento, (...) organização coerentemente suficiente (...) e elaborar a emoção (...).” (PAÍN, 2008, p. 61, 62).

Ao descrever a importância dos testes projetivos, afirma-se que todas as ferramentas juntamente com o desenho são instrumentos valiosos na investigação, observação, hipóteses e no compreender dos relatos transmitidos pelo inconsciente, o desenho nesse conjunto também é capaz de orientar, nortear sobre a personalidade de cada sujeito fazer transparecer suas lacunas nos traumas, transtornos, déficits e dificuldades de aprendizagem, mas vale salientar que o psicopedagogo não atua sozinho e sim em conjunto, com o corpo docente das instituições escolares, com os familiares e com outros profissionais de diversas áreas possibilitando assim um resultado mais amplo e com poucas falhas.

Conclusão

A averiguação para o presente artigo deu-se de forma estável, acrescentando a cada tópico mais percepções e direcionamento no assunto exposto.

Os objetivos evidenciados foram atingidos, onde, entende-se que cada seguimento tem aspectos singulares, mas estão conectados viabilizando recursos pragmáticos.

Concedeu-se a investigação da interrogativa que o problema como instrumento auxiliar, o desenho infantil, pode acessar, expor fatos que estão no inconsciente do aprendente como traumas, déficit, transtornos e dificuldade de aprendizagem de forma terapêutica.

Durante a elaboração do escrito a maior adversidade deu-se por falta de material na Biblioteca pública de Pacajus, Ceará e referências sobre a intercalação do desenho com o inconsciente, proporcionando obstáculos relevantes para a conclusão da pesquisa.

Por conseguinte as intemperanças só estimularam o desejo de ultrapassá-las, posto que a avidez em mostra que é possível desenvolver um trabalho unindo o desenho ao inconsciente é de extrema relevância para as sessões psicopedagógicas e na percepção da personalidade de cada criança denominada com “transtorno, dificuldades de aprendizagem”.

A orientação exposta levantou amplamente recursos capazes de assistir com clareza o uso da ferramenta, desenho, de forma que não infrinja os limites do aprendente, respeitando seu tempo e compreendendo suas limitações, sejam elas, cognitivas, emocionais, físicas, cultural.

Estabelece-se que esta pesquisa permite compreensão relevante no auxílio para outros trabalhos de pesquisas direcionadas ao desenho infantil.

A concepção deste artigo não seria possível sem a notória ajuda primeiramente da orientadora Rosana Maria Avelar de Oliveira, a Universidade Estadual Vale do Acaraú, aos colegas do curso de Pós- graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional e a Lidiane Oliveira, pela grande afeição e dedicação do seu tempo nesses dias de luta e muito estudo.

Bibliografia

AURÉLIO, Mini Dicionário. **O DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA.**

Academia Brasileira de Letras. 2010.

BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. **PSIDOPEDAGOGIA CLÍNICA E**

INSTITUCIONAL DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO. São Paulo. Loyola. 2015.

BRASIL. **GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO: ILUSTRAÇÃO DIGITAL E ANIMAÇÃO.** Disponível em: <

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015331.pdf>.> 2010.

Acesso em 06 de abril de 2017.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **O TESTE DO DESENHO COMO**

INSTRUMENTO DE DIAGNÓSTICO DA PERSONALIDADE. Rio de Janeiro.

Vozes. 2014.

CASTANHO, Marisa Irene Siqueira; SILVA, Galeára Matos de França. **ESTUDOS DE CASO EM PSICOPEDAGOGIA DA ESCUTA À ESCRITA.** Rio de Janeiro.

Wak. 2015.

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. **O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA.** Disponível em <

<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>.> 2010.

Acesso em 03 de abril de 2017.

COGNET, Georges. **COMPREENDER E INERPRETAR DESENHOS INFANTIS.**

Rio De Janeiro: Editora Vozes, 2014.

FARIAS, Thaiz Maria da Silva; NANTES, Elaine da Silva; AGUIAR, Sirlei Maria de **.FASES PSICOSSEXUAIS FREUDIANAS.** Disponível em:

<<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>.> 2015. Acesso em 03 de abril de 2017.

FERREIRA, Regis De Castro; FALEIRO, Heloina Teresinha; SOUZA, Renata Fonseca De. **DESENHO TÉCNICO.** Disponível em:

<https://portais.ufg.br/up/68/o/Apostila_desenho.pdf.>. 2008. Acesso em 06 de abril de 2017.

FREUD, Sigmund. **EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS**

PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. VOLUME XIX: O EGO E O ID E OUTRO TRABALHOS (1923-1925). Rio de Janeiro. Imago. 2006.

_____. **A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS. VOLUME I.** Rio de Janeiro.

L&PMPocket. 2014.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. **PROJETO TELÁRIS 7 CIÊNCIAS – VIDA NA TERRAM.** São Paulo. Ática. 2015.

GONÇALVES, Miguel Vasco Rodrigues. **PROCESSAMENTO DE DADOS EM AQUISIÇÃO SIMULTÂNEA DE EEG / IFRM.** Disponível

em:<https://run.unl.pt/bitstream/10362/2505/1/Goncalves_2009.pdf>. 2009.

Acesso em 11 de abril de 2017.

LEVY, Denize Piccolotto Carvalho; RAMOS, Evandro De Moraes. **DESENHO GEOMÉTRICO.** Disponível em:

<https://matematicaufsj.files.wordpress.com/2012/12/caderno_desenho_geomc3a9trico.pdf> . Acesso em 06 de abril de 2017.

MELLO, Genilza Alves da Silva. **A IMPORTANCIA PEDAGOGICA E PSICOPEDAGOGICA DO DESENHO NO PROCESSO ENSINO**

APRENDIZAGEM. Disponível em:

<<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/10/3-A-IMPORT%C3%82NCIA-PEDAG%C3%93GICA-E-PSICOPEDAG%C3%93GICA-DO-DESENHO-NO-PROCESSO-ENSINO-APRENDIZAGEM.pdf>>. 2013.

Acesso em 17 março de 2017.

PAÍN, Sara. **DAIGNÓSTICO E TRATAMENTO DOS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM.** São Paulo. Artmed. 2008.

SERRA, Sheyla Mara Baptista. **BREVE HISTÓRIA DO DESENHO TÉCNICO.** Disponível em

<<http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1391/1/AT1-breve%20historico.pdf>> .2008. Acesso em: 30 de março 2017.

SILVA, Maria Cecilia Almeida e. **PSICOPEDAGOGIA A BUSCA DE UMA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.** São Paulo. Paz&Terra. 2010.

TAVARES, Sabrina Magna de Sousa. **A INFLUÊNCIA DOS DESENHOS ANIMADOS (D.A) NO DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE DAS CRIANÇAS DE SEIS A ONZE ANOS DE IDADE.** Disponível em

<<http://webartigos.com/storage/app/uploads/public/588/508/050/5885080503bcf150550529.pdf>>. Acesso em 03 de abril de 2017.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. **HISTÓRIA CONTADA A PARTIR DO DESENHO**. Disponível em <<http://www2.uefs.br/msdesenho/docs/historia-contada-a-partir-do-desenho.pdf>.> 1998. Acesso em 29 de março de 2017.